

# A Imanaque da Natureza



Após 3 anos de interregno, regressa agora esta modesta publicação, onde se pretende divulgar um pouco do que vai acontecendo nos nossos campos, montes, rios e mares. Sai pontualmente nos dias de cada equinócio e solstício, se as marés e os ventos forem de feição...

AGENDA		
Setembro	22	Equinócio do Outono: 21h44.
	27	Quarto Minguante. Marés mortas.
	1	Nascimento: 07h27. Ocaso: 19h15.
Outubro	1	Dia Nacional da Água.
	4	Dia Mundial dos Animais.
	5	Lua Nova. Marés vivas.
	12	Quarto Crescente. Marés mortas.
	19	Lua Cheia. Marés vivas.
	27	Às 2h00, atrasar os relógios 60 mn.
	27	Quarto Minguante. Marés mortas.
Novembro	1	Nascimento: 06h55. Ocaso: 17h34.
	3	Lua Nova. Marés vivas.
	10	Quarto Crescente. Marés mortas.
	16	Dia Nacional do Mar.
	17	Lua Cheia. Marés vivas.
Dezembro	18	Chuva de meteoros (Leónidas).
	23	Dia da Floresta Autóctone.
	25	Quarto Minguante. Marés mortas.
	1	Nascimento: 07h26. Ocaso: 17h15.
	3	Lua Nova. Marés vivas.
	9	Quarto Crescente. Marés mortas.
Dezembro	11	Dia Internacional das Montanhas.
	14	Chuva de meteoros (Geminidas).
	17	Lua Cheia. Marés vivas.
	21	Solstício do Inverno: 17h11.



## PASSAM OS GRIFOS

Embora existam colónias reprodutoras de grifo (*Gyps fulvus*) no nosso país, nomeadamente no nordeste transmontano, muitos indivíduos, sobretudo jovens, resolvem lançar-se à aventura e procurar outras paragens. No Outono, surgem em bandos na zona do Barlavento algarvio, preparando um último voo até às regiões sub-saharianas. Bem maiores que as maiores águias, com mais de 2,5 metros de envergadura, estes abutres distinguem-se, pela cor acastanhada e pela característica "gola" branca, dos raros abutres-pretos que, por vezes, os acompanham nestas migrações.

## PEIXE DOS NAUFRÁGIOS

O cherne (*Polyprion americanus*) é um peixe robusto que habita fundos oceânicos entre 40 e várias centenas de metros de profundidade, sendo frequentemente encontrado em alcantilados rochosos ou em destroços de navios naufragados. Os adultos são solitários e podem atingir dois metros de comprimento e 80 kg de peso, apresentando uma barbatana dorsal bilobada, com fortes espinhos dianteiros. Muito vorazes, capturam sobretudo crustáceos e moluscos, para além de peixes mais pequenos. No Verão e Outono aproximam-se da costa para se reproduzir, podendo então ser mais facilmente capturados com redes de arrasto ou de emalhar e também com artes de anzol como o palangre. Os juvenis têm tendência a agrupar-se à superfície do mar, sob algas e detritos flutuantes. A carne deste peixe, meio gorda, branca e consistente, é muito apreciada, seja em receitas que passam pelo forno, ou em pratos mais simples como a massinha ou o arroz de cherne.



## INSECTICIDA BIOLÓGICO

Numa época em que a maioria das plantas parece esgotada por mais um estio sufocante que passou, as vistosas flores da táveda-do-sudoeste (*Dittrichia revoluta*) enchem de tons dourados os solos secos e pobres de baldios, charnecas e margens de caminhos. O Verão, esse passou-o menos mal, defendida pelas folhas estreitas e enroladas, cobertas de pêlos e de um visco pegajoso mas eficaz para travar a transpiração. As virtudes do seu cheiro intenso e característico não são consensuais entre os seres humanos e, pelos vistos, também entre o povo dos insectos: alguns sentem-se atraídos pelas flores ajudando a polinizar a planta, outros nem tanto assim. Por isso, a táveda tem sido tradicionalmente utilizada como incenso, queimado para afugentar moscas, mosquitos e pulgas.



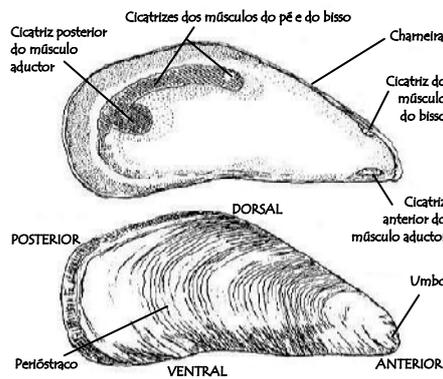
## ISQUEIRO PRÉ-HISTÓRICO

As primeiras chuvas outonais fazem surgir, sobre álamos, freixos, salgueiros e outras árvores, um curioso cogumelo parasita, com 20 a 40 cm de largura e com uma longa história para contar. Na verdade, o cogumelo-isca (*Fomes fomentarius*) serviu de companhia inseparável à pederneira, pedra de sílex capaz de produzir faísca quando golpeada com uma faca. Para tal, descartava-se a cutícula dura e resinosa do fungo, de cor cinzenta, cortando-se a carne acastanhada, que depois era mergulhada em água ou lixívia e macerada com um maço para que as suas fibras ficassem flexíveis e esponjosas. Uma vez seca, esta isca facilmente pega fogo. O seu uso desde tempos remotos ficou celebrizado em 1991, quando foi encontrado, num glaciar dos Alpes italianos, o cadáver congelado de um caçador, morto no Neolítico, há cerca de 5.300 anos atrás (posteriormente cognominado Homem de Ötzi), e que transportava consigo algumas destas iscas. O cogumelo também é usado em medicina popular para aplicar sobre feridas expostas e estancar hemorragias.



## MEXILHÕES

Toda a gente acha que não tem dúvidas sobre o que é um mexilhão e provavelmente também sabe que esta é uma boa época para o apanhar e comer. Porém, a variedade deste tipo de moluscos é bem maior do que se possa pensar, ocorrendo no nosso litoral uma dezena de espécies, se contarmos apenas aquelas que podem ser observadas por qualquer um de nós na zona entre marés, principalmente na sua parte inferior, mas sempre sobre rochas e outros substratos duros.



As duas conchas ou valvas, de natureza calcária, são alongadas, semelhantes mas assimétricas, unidas por um tecido fibroso (charneira) e cobertas por uma camada coriácea (periostaco) normalmente mais escura que a própria concha. A parte anterior é assinalada pela presença de uma proeminência mais ou menos bem desenvolvida (umbo). O animal vive no interior desta concha bivalve que consegue abrir ou fechar por meio de fortes músculos adutores, cuja base de fixação deixa uma impressão visível (cicatriz) na superfície interior das conchas uma vez vazias. Estes moluscos vivem agarrados a substratos duros (rochas, construções humanas) por meio de um conjunto de filamentos (bisso).



Uma primeira confusão tem a ver logo com o próprio mexilhão comum, aquele que mais vulgarmente é encontrado e consumido pois, na verdade, tudo indica tratar-se de duas espécies distintas. O **mexilhão-preto** (*Mytilus edulis*)<sup>1</sup>, de distribuição original norte-europeia, é cultivado em muitas áreas lagunares e estuarinas do nosso país encontrando-se também em zonas portuárias. Por seu lado, o **mexilhão-mediterrânico** (*Mytilus galloprovincialis*)<sup>2</sup> ocorre de forma natural desde as costas rochosas da Europa Ocidental até às do Mediterrâneo, sendo também cultivado. A distinção entre elas não é muito fácil, apresentando o mexilhão-preto conchas de cor azul-escura a negra, geralmente mais estreitas e de menor tamanho, com umbo arredondado, enquanto as de mexilhão-mediterrânico são mais largas e atingem 12 cm ou mais de comprimento, possuindo umbo pontiagudo e curvo. Para além disso, a margem do corpo do animal fresco é, respectivamente, castanha-amarelada e arroxeada. De forma a complicar ainda mais as coisas, foi recentemente descoberta no Algarve uma outra espécie, o **mexilhão-castanho** (*Perna perna*)<sup>3</sup>, até agora apenas conhecida de África e outras regiões do globo. Trata-se de uma espécie também de bom tamanho (9 a 12 cm), com conchas de cor castanha e que se pode ainda diferenciar das espécies anteriores, nomeadamente do mexilhão-mediterrânico com quem partilha o habitat, por as conchas apresentarem uma mancha de cicatrizes posteriores dividida em duas partes, em vez de ser contínua.

Outras espécies menos conhecidas, mas ainda pertencentes à família dos mexilhões (Mytilidae), podem também ser encontradas na nossa costa. O **mexilhão-pigmeu** (*Mytilaster minimus*)<sup>4</sup> apresenta conchas castanho-avermelhadas que não ultrapassam os 2 cm. As conchas do **mexilhão-barbudo** (*Modiolus barbatus*)<sup>5</sup> podem atingir 6 cm de comprimento, são de cor castanha-clara ou arroxeada e a zona posterior encontra-se coberta de filamentos. Bastante semelhante é o **mexilhão-barbudo-pequeno** (*Modiolula phaseolina*)<sup>6</sup>, de concha ovalada que atinge, no máximo, 2,8 cm. O **mexilhão-crenulado** (*Musculus costulatus*)<sup>7</sup> possui uma concha ovalada, de cor esbranquiçada mas com periostaco diversamente colorido, pouco ultrapassando 1 cm de comprimento. O número de costelas visíveis na parte anterior da concha (cerca de 10), permite distinguir esta última espécie do **mexilhão-marmoreado** (*Musculus subpictus*), que possui entre 15 a 18 costelas anteriores.

Mexilhões com um habitat bem diferente e muito característico são o **mexilhão-tâmara** (*Lithophaga lithophaga*)<sup>8</sup> e o **mexilhão-tesoura** (*Lithophaga aristata*)<sup>9</sup>, que vivem em túneis cilíndricos por eles escavados em rochas calcárias, na zona inferior das marés. Estas espécies distinguem-se facilmente uma da outra porque a primeira possui conchas grandes (podem ultrapassar 10 cm), castanho-escuras, de extremidades arredondadas, enquanto as conchas da segunda são mais pequenas (máximo: 2,5 cm), esbranquiçadas e com extremidades posteriores estreitas e cruzadas em forma de tesoura. A captura do mexilhão-tâmara, muito apreciado como marisco, mas que implica a destruição irreversível das rochas e falésias por ele colonizadas, levou à protecção integral desta espécie, incluída no Anexo IV da Directiva Habitats e também no Anexo II da Convenção de Berna.

## AMORES PRECOSES

Grande animação vai por estes dias nas grutas que albergam colónias de morcego-de-ferradura-mourisco (*Rhinolophus mehelyi*). É a época dos acasalamentos, de onde resultará uma única cria com nascimento marcado para Junho. Como o período de gestação pouco ultrapassa dois meses, algo de estranho se passa com estes amores tão precoces. Na verdade, após o acasalamento, a fêmea segrega um tampão vaginal, armazenando os espermatozoides no útero, cuja parede passa a produzir substâncias que permitem conservá-los com toda a sua vitalidade até ao momento da ovulação e consequente fecundação, as quais têm lugar em Abril. Até lá, é o tempo da hibernação, que estes animais passam descansando pendurados de cabeça para baixo agarrados ao tecto das grutas e envolvendo todo o corpo com as asas. Ao contrário de outras espécies, este morcego depende, quase em exclusivo, da manutenção de condições adequadas nas grutas e abrigos onde vive, não admirando por isso que esteja em perigo crítico de extinção no nosso país, devido à destruição e perturbação deste tipo de habitats.



**Bibliografia:** ✓Sarasa, M.C. (2001), "Especies de Interés Pesquero en el Litoral de Andalucía", CAP-JA. ✓Moreno, G. et al. (1986), "La Guía de Incafo de los Hongos de la Península Ibérica", Incafo. ✓Moreira, L.R.M. (2008) "Mytilus edulis e Mytilus galloprovincialis: características e aquícultura", Diss. Mestr.Toxic. Ecotoxic. Univ. Aveiro. ✓Lourenço, C.R. et al. (2012), "First record of the brown mussel (*Perna perna*) from the European Atlantic coast", Mar. Biodiv. Rec., 5(39): 1-4. ✓Saldanha, L. (1997), "Fauna Submarina Atlântica", Publ. Europa-América. ✓Muzavor, S. (1991), "Roteiro Ecológico da Ria Formosa I - Moluscos Bivalves". Algarve em Foco Ed. **Ilustrações:** Abóboras - Mkooman (<http://lookaboo.com>). Cherne - Drow\_male (Wikimedia Commons). Cogumelo - George Chernilevsky (Wikimedia Commons). Morcego - Filomena Campos. Mexilhão-preto - Pallbo (Wikimedia Commons). Mexilhão-mediterrânico - Andrew Butko (Wikimedia Commons). Mexilhão-castanho - Veronidae (Wikimedia Commons). Mexilhão-pigmeu - Hervé Bords e Giorgio Griffon ([www.liceofoscarini.it](http://www.liceofoscarini.it)). Mexilhão-barbudo, Mexilhão-barbudo-pequeno, Mexilhão-crenulado - Joop Trausel and Frans Slieker ([www.nmr-pics.nl](http://www.nmr-pics.nl)). Mexilhão-tâmara - F. Welter Schultes ([www.animalbase.uni-goettingen.de](http://www.animalbase.uni-goettingen.de)). Mexilhão-tesoura - <http://bigai.world.coocan.jp>. **Textos e ilustrações restantes:** Almagem.